

PRÁTICAS CORPORAIS EM CENA NA SAÚDE MENTAL: POTENCIALIDADES DE UMA OFICINA DE FUTEBOL EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE PORTO ALEGRE

Leonardo Trápaga Abib

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Alex Branco Fraga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Felipe Wachs

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Cleni Terezinha de Paula Alves

Hospital das Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

A educação física vem emergindo no campo da saúde mental com o intuito de contribuir no processo terapêutico de usuários de serviços de saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Neste trabalho, nosso objetivo foi analisar quais os significados que os usuários de um CAPS, localizado em Porto Alegre/RS, atribuíam à oficina de futebol que ali ocorria. A pesquisa é de cunho qualitativo e se inspira na perspectiva etnográfica. Um dos fatos que surgiram na oficina de futebol, e que mereceu maior análise, foi a participação ativa dos usuários em muitos momentos da oficina. Essa maior participação possibilitou aos integrantes interessantes momentos de protagonismo, pouco vivenciados por eles em suas trajetórias de vida.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial – Educação Física – Saúde Mental

Introdução

A partir da década de 1970, o movimento pela reforma psiquiátrica no Brasil passou a ganhar mais espaço e força no cenário social (PAULIN; TURATO, 2004; AMARANTE, 1995; TENÓRIO, 2002). Essa reforma vislumbrava um novo modelo de cuidado em saúde mental que não estivesse centralizado na doença e nos manicômios, mas que priorizasse projetos terapêuticos pautados na reinserção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. Um dos pilares desse processo de desinstitucionalização é justamente a luta pela cida-

dania (BARROS, 1994).

Com o advento da reforma psiquiátrica surgiram os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) com o objetivo de contribuir no processo de desinstitucionalização das pessoas em sofrimento psíquico, aproximando-as mais de suas comunidades e do convívio com seus familiares e com a sociedade em geral. Conforme a cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde, os CAPS têm “a missão de dar um atendimento diuturno às pessoas que sofrem com transtornos mentais severos e persistentes, em um dado território, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, com o objetivo de substituir o modelo hospitalocêntrico” (BRASIL, 2004, p. 12).

Para Silva (2009), o Centro de Atenção Psicossocial é a principal estratégia governamental de desinstitucionalização, podendo agenciar moradia, trabalho e lazer para as pessoas em sofrimento psíquico. É tarefa do CAPS estimular seus usuários a reatarem as interações com a sociedade civil, como frequentar novamente a casa de um parente, acessar serviços e espaços públicos, voltar a frequentar a escola, quando for o caso, etc.

Esse novo modelo de atendimento aos usuários dos serviços de saúde mental está calcado no pressuposto de que eles são convidados a participar ativamente no processo de tratamento, por meio de atividades que visem sua reinserção na sociedade, a circulação pelos espaços das cidades e o contato com novas possibilidades e diversas vivências, sejam elas laborais ou de lazer.

Dentre essas atividades, algumas estão relacionadas às práticas da cultura corporal construídas historicamente pela humanidade (SOARES et al., 1992): dança, esportes, ginástica e jogos. Tais práticas, de acordo com Wachs, são elementos “constituintes de uma dada comunidade e constituídas por elas, de tal forma que se configuram como um potencial veículo de pertencimento” (Wachs, 2007, p. 95), e, com isso, podem vir a se tornar um importante instrumento terapêutico, desde que o seu desenvolvimento tenha algum significado para o usuário.

Por isso, tivemos o interesse em investigar um grupo vinculado a uma oficina voltada para a prática corporal dentro do CAPS. Durante cinco semanas, acompanhou-se um grupo de usuários, envolvidos com a oficina de futebol, vinculados ao CAPS de um complexo hospitalar público de Porto Alegre. Nosso objetivo foi analisar quais os significados atribuídos pelos participantes àquela oficina terapêutica

oferecida pelo CAPS.

A escolha pela oficina de futebol não foi aleatória. Deveu-se, principalmente, aos seguintes fatores:

- vínculo de dois dos autores deste estudo com o grupo de usuários da oficina, pois um trabalhava e outro estagiava no referido CAPS antes do início da pesquisa;
- contato com o ambiente externo às salas do CAPS, que privilegiava a observação em espaço (nesse caso, o campo de futebol da associação dos funcionários do hospital, que fica fora do ambiente tradicional das oficinas terapêuticas);
- familiaridade dos usuários com a prática do futebol visto tratar-se de uma prática corporal bem difundida na cultura brasileira e, por isso, potencialmente gregária para os usuários em suas respectivas comunidades.

Na medida em que os princípios da reforma psiquiátrica se sustentam em “uma concepção ampliada do que seja o atendimento e o tratamento, vinculando esta compreensão necessariamente à garantia do exercício dos direitos prescritos em lei na sua plenitude (acesso à educação, saúde, trabalho, moradia, lazer etc.)” (SILVA et al., 2007, p. 173), torna-se pertinente investigar de que modo os usuários dos CAPS se envolvem e dão sentido a uma proposta específica do serviço (no caso a oficina de futebol), formulada de acordo com o princípio de atendimento/tratamento ampliado.

Procedimentos metodológicos

Esta investigação foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa de tipo etnográfico. Consideramos tal método de investigação acerca de significados o mais adequado ao objetivo da pesquisa, pois permite descrição mais detalhada do grupo investigado, por meio de observação participante, visando compreender o conjunto de entendimentos/sentidos compartilhados (WIELEWICKI, 2001; STIGGER, 2002; MOLINA NETO, 2004).

A premissa subjacente à etnografia, conforme Pope e Mays, “é que, a fim de compreender um grupo de pessoas, o pesquisador precisa observar suas vidas diárias, idealmente vivendo com elas” (2005, p. 41). Para esses autores, a etnografia enfatiza a relevância de entender o mundo simbólico no qual as pessoas estão inseridas, tentando ver os fatos da maneira como elas veem e captando os sentidos que elas atribuem às suas próprias experiências.

Assim, escolhemos a etnografia como abordagem metodológica para desenvolver a presente investigação no CAPS, por já estar consolidada no campo das ciências sociais, além de ter certo respaldo e interesse emergente no campo da saúde; por ser um tipo de abordagem que permite ao pesquisador imergir em um ambiente formado por um grupo de pessoas para estudá-lo; pela possibilidade de analisar um grupo de pessoas sem modificar suas rotinas em determinada atividade (STIGGER, 2007).

A oficina, com frequência semanal e duração de uma hora e meia, era realizada no campo de futebol da associação dos funcionários do hospital. Contava com a participação de 6 a 11 usuários, além de membros da equipe do CAPS – estagiários de Educação Física e de Terapia Ocupacional, como coordenadores e organizadores da oficina, e de Enfermagem, como acompanhantes na oficina. O perfil dos usuários era bem diversificado, assim como suas histórias de vida e a maneira como chegaram ao CAPS. O usuário mais novo tinha 18 anos e o mais velho, pouco mais de 50 anos. Esses participantes eram pessoas em sofrimentos psíquicos com intensidades bastante diversas, oriundos de contextos sociais também muito distintos. Seus diagnósticos também eram diferentes, não sendo o objetivo da oficina congregar apenas pessoas com um mesmo diagnóstico.

Os usuários participantes da oficina não foram submetidos a nenhum tratamento especial em virtude da investigação. Nada mudou em suas rotinas no CAPS, ou fora dele, em decorrência da pesquisa. Para manter o anonimato dos participantes, utilizamos simplesmente a expressão “usuário”, quando nos valem de algum comentário feito por qualquer um deles durante a oficina.

O material de análise foi produzido mediante anotações na forma de “diários de campo”, cujos registros eram feitos em momento subsequente à observação da oficina. Durante o período de cinco semanas, descreveu-se detalhadamente, nesses diários de campo, o que havia ocorrido no decorrer da oficina: como o grupo se deslocou até o campo, que atividades foram realizadas, quantas pessoas participaram, quantas ficaram apenas olhando e que intervenções foram feitas pelo estagiário responsável pela atividade. Também se anotou, nos diários de campo, qualquer tipo de expressão, tanto verbal quanto corporal, cabível de tratamento analítico. Como exposto a respeito da pesquisa etnográfica, é contundente dizer que, com a análise e a interpretação das informações contidas nos diários de campo, pretendeu-se “a des-

coberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (ANDRÉ, 1995, p. 30) para melhor compreender o espaço e as pessoas que nele interagem.

A pesquisa foi registrada pela Comissão de Pesquisa da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Além disso, foi conduzida dentro dos padrões éticos exigidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde, vinculado ao Ministério da Saúde (CONEP/CNS/MS).

Protagonistas ou coadjuvantes?

Algum tempo depois do almoço, horário normalmente reservado ao descanso, surge o convite para uma partida de futebol. Os que aceitam seguem em direção ao campinho mais próximo. Dia ensolarado, tarde bem quente. Todos concordam em jogar no espaço do campo mais coberto pela sombra. Os participantes ajudam a montar o espaço de jogo, pegando tijolos para fazer “as traves” no estilo popularmente chamado de “gol fechado”. Depois de arrumarem o campo, os participantes se dividem em duas equipes. O jogo vai começar!

Durante o jogo, é possível ver uma grande interação entre os participantes. Há dribles, jogadas bonitas, gols comemorados, bolas divididas, reclamações por parte daqueles que estão jogando, simulações de falta, incentivos, estímulos verbais; enquanto há aqueles mais participativos no jogo, há outros mais quietos e que buscam menos o jogo.

O jogo termina. As pessoas que participaram do jogo se cumprimentam; eles se parabenizam uns aos outros e se juntam para os exercícios de alongamento. Durante os exercícios, são feitos os comentários pós-jogo, quando a maioria dos participantes faz alguma intervenção. Logo após essa atividade, o campo é desfeito e todos voltam para o local onde estavam antes de serem chamados para o jogo.

A narrativa acima descreve brevemente uma das oficinas de futebol observadas e relatadas nos diários de campo. É nesse espaço que tivemos a oportunidade de perceber alguns momentos de escape nos

quais os participantes assumiam um papel mais ativo na trama da oficina, ressignificando essa prática do CAPS. Esses momentos de escape eram traduzidos pelas atitudes e posturas assumidas pelos usuários na oficina e que diferenciavam esses momentos. Com base nas análises dos diários de campo, discutiremos agora como os usuários participam da oficina de futebol no CAPS e o que a oficina representa para eles. A fim de organizar melhor o artigo, dividimos o texto em três categorias.

Contribuindo para o jogo

O processo da reforma psiquiátrica é um projeto de horizonte democrático e participativo no qual gestores do Sistema Único de Saúde (SUS), trabalhadores em saúde, familiares de usuários de serviços de saúde mental e demais usuários dos CAPS e de outros serviços substitutivos atuaram, e seguem atuando, como protagonistas (BRASIL, 2005). A princípio, “o CAPS é o núcleo de uma nova clínica, produtora de autonomia, que convida o usuário à responsabilização e ao protagonismo em toda a trajetória do seu tratamento” (BRASIL, 2005, p. 25), para contribuir, dentre outras coisas, no exercício de cidadania dos usuários.

As oficinas envolvendo práticas corporais (como o futebol) dentro dos CAPS – tendo em vista a reinserção social dos sujeitos em suas comunidades como um dos objetivos – emergem dentro desse novo modelo de atenção proposto pelo movimento da reforma psiquiátrica brasileira. Esse modelo “busca a desconstrução da realidade manicomial e a construção de novas realidades, segundo novas bases epistemológicas, políticas e sociais, operando transformações de toda uma cultura que sustenta a violência, a discriminação e o aprisionamento da loucura” (AMORIM; DIMENSTEIN, 2009, p. 197).

Oferecer atendimento que consiste no acompanhamento clínico e na reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, ao lazer, ao exercício dos seus direitos civis e ao fortalecimento dos laços familiares e comunitários (BRASIL, 2004) é uma das possibilidades que surgiram com a reforma psiquiátrica, contribuindo para a ressignificação do cuidado em saúde mental. Complementando, para Pitta (1994) uma das vocações dos CAPS (advindos da reforma psiquiátrica) é justamente o desenvolvimento de programas visando à reabilitação psicossocial dos usuários.

É nesse ambiente, por um lado protegido devido à presença da equipe do CAPS e por outro acessível à comunidade em geral – pelas características do local –, que os usuários são convidados a não apenas jogar, mas também a reagir diante de algumas situações intrínsecas ao espaço terapêutico da oficina de futebol. A maneira de cada um dos usuários contribuir com o jogo pode ser visualizada nos seguintes fragmentos extraídos dos diários de campo:

Chegada ao campo: enquanto alguns usuários estão trocando passes ou chutando a bola em gol, outros buscam os tijolos que irão compor as traves, pois não há pessoas suficientes para jogar o campo todo. (Diário de campo, 18 de setembro de 2008).

[...] quando alguém dá um “bicão” a ponto de poder machucar outra pessoa com uma eventual bolada, ou se a bola acaba indo para muito longe do campo, o que acarretaria a perda de alguns minutos só para buscá-la, é imediata a reação deles, dizendo não ser necessário dar esses chutes fortes, que eles só atrapalham o andamento do jogo e podem machucar alguém, perde-se muito tempo buscando a bola e que a melhor opção é tentar fazer o gol através do passe. (Diário de campo, 9 de outubro de 2008).

Nos fragmentos acima podemos perceber duas maneiras distintas de contribuição dos usuários para o bom andamento do jogo: primeiramente, colocando-se à disposição para carregar os tijolos com os quais ergueriam as metas; em segundo lugar, policiando-se mutuamente durante a partida para evitar a interrupção do jogo em decorrência de uma bola chutada muito longe ou que os colegas se machucassem por causa de um chute muito forte.

Esse “autocontrole” durante a oficina é algo que fazia sentido para cada um dos participantes, pois percebiam que, ao evitarem jogadas como um “bicão” ou uma falta desleal, estariam protegendo a si mesmos e aos outros. Um efeito terapêutico bastante importante para o tratamento em curso no CAPS. O coordenador da atividade buscava mostrar aos usuários que a oficina era um espaço para se jogar “com” e não “contra” os outros, reforçando a ideia de cooperação em atividade coletiva e de que o futebol não requer violência para que haja prazer no ato de jogar. Os participantes sempre buscavam enfatizar essa

atitude nas conversas com o grupo todo – antes, durante e ao final da oficina. O resultado podia ser percebido em campo por meio das intervenções dos próprios participantes durante a partida, fazendo que, ao interferirem nas decisões e ajudarem a estabelecer parâmetros para as demais combinações na atividade, esse fosse um momento de protagonismo dos usuários.

Para esses usuários, sair do lugar de indivíduo que recebe o cuidado, mesmo que temporariamente, para o de sujeito do cuidado funciona como um exercício de reinserção que transcende o ato de jogar bola. Uma pequena fresta para a vida social, uma escapada que permite aos usuários perceberem que é possível dar conta de suas demandas pessoais e contribuírem com o coletivo.

Apitando o jogo e resolvendo conflitos

Outra forma de os usuários protagonizarem a cena é como árbitros da partida. Eles acreditavam que podiam se encarregar da arbitragem, sem a necessidade de contar com o estagiário ou outro membro da equipe do CAPS nessa função. A marcação das faltas, laterais, escanteios etc. ficava a cargo dos próprios usuários.

Quando ocorrem faltas muitas vezes os próprios usuários apontam, sem precisar da intervenção do estagiário. Parece haver muito respeito entre os usuários, pois muitas vezes se via um ou outro pedindo desculpas por alguma entrada mais ríspida. (Diário de campo, 18 de setembro de 2008).

Normalmente quem faz esse papel de juiz é o estagiário que coordena a oficina, mas não é regra, visto que os usuários também marcam faltas e decidem laterais, e é terapeuticamente importante para eles desenvolver certo grau de autonomia sem depender do estagiário ou de qualquer outro membro da equipe para decidirem por eles. (Diário de campo, 9 de outubro de 2008).

[...] quase todos os que participaram do jogo marcaram faltas, escanteios e laterais, ocorrendo em alguns casos pequenas discussões que o próprio grupo contornava, sem haver qualquer tipo de problema. (Diário de campo, 16 de outubro de 2008).

Durante as atividades, ficava evidente a importância terapêutica desse processo de interação recíproca entre os usuários na resolução de conflitos surgidos durante o jogo. Ao tomarem decisões diante da imprevisibilidade dos acontecimentos de uma partida de futebol, acabavam protagonizando a cena terapêutica.

Para aqueles usuários que vivenciaram a experiência de “jogadores-árbitros” ou de colaboradores na organização do jogo, a oficina de futebol talvez represente um espaço constituinte de seus tratamentos no qual são convidados a ser mais do que “pacientes” a cargo do estagiário. São participantes ativos em um processo no qual suas vozes são valorizadas e suas opiniões, relevantes para o grupo. Essa coestão dos saberes (entre usuários e estagiário) é capaz de oferecer “a possibilidade para que os indivíduos envolvidos sintam-se sujeitos do processo de ensino/aprendizagem, percebendo-se com vez e voz” (MATIELLO JUNIOR et al., 2005, p. 92). Durante a oficina, foi possível perceber que o estagiário que a coordenava dava valor aos usuários, estimulando-os a participarem mais ativamente.

De acordo com Wachs, “a decisão tomada indica que os próprios usuários estão resolvendo seus conflitos. De certo modo, esse pequeno universo do futebol possibilita que os usuários, mesmo que brevemente, tornem-se protagonistas na gestão de suas próprias vidas” (2008, p. 118).

Em alguns momentos, as discussões que permeavam a oficina eram resolvidas entre os próprios usuários, sem que fosse necessária a intervenção de um dos estagiários, demonstrando que alguns conseguiam lidar com os pequenos conflitos que surgiam durante a partida. Diante de uma abordagem tutelar, de interdição, de reclusão, calcada em uma lógica de afastar a pessoa em sofrimento psíquico de qualquer interferência social, talvez o futebol não tivesse vez. Contudo, “lidar com conflitos e frustrações no CAPS toma ares terapêuticos”, e “o esporte pode constituir-se como um dispositivo terapêutico em que tais questões aparecem e podem ser abordadas” (WACHS, 2008, p. 110).

Jogando para se organizar e se organizando para jogar

Uma das maiores dificuldades para muitos dos usuários que costumam frequentar os CAPS é a de se organizarem para realizar tarefas do dia a dia. Porém, durante as sessões da oficina de futebol, foi interessante perceber que os usuários conversavam dentro de seus times,

elaborando táticas e estabelecendo posições ou então o rodízio da marcação. Essas representam tarefas não tão simples. Além disso, para se organizar dessa forma é preciso estar focado no que se está fazendo e em certa sintonia com o restante do grupo. Também foi possível notar certas cobranças entre os usuários e dos usuários com os estagiários durante o jogo.

Eles [os usuários] conseguem interagir bastante uns com os outros, falando para marcarem mais, para voltarem para ajudar a defesa, para passarem mais a bola, como em qualquer outro lugar em que se joga uma “bola”. (Diário de campo, 8 de setembro de 2008).

“Nosso time está muito individual... não estamos passando a bola, por isso estamos perdendo.” (Usuário. Diário de campo, 2 de outubro de 2008).

“É mesmo. Vamos passar mais a bola, que a gente está jogando bem.” (Usuário. Diário de campo, 18 de setembro de 2008)

“É só passar a bola que a gente faz gol.” (Usuário. Diário de campo, 18 de setembro de 2008).

“E aí, professor? Assim não... Esse passe tem que ser mais no meio, senão eu não vou pegar!” (Usuário. Diário de campo, 9 de outubro de 2008).

Era comum ouvir falas como essas durante os jogos. Os momentos de organização das equipes antes e durante o jogo também caracterizam ações de protagonistas. Fazem parte dos momentos de escape em que os participantes conseguiam minimamente orientar o grupo, mostrar um rumo a ser seguido pelos colegas de time e atuar de forma ativa na partida, assumindo o papel de construtores.

A oficina de futebol despertava, potencializava nos usuários tais momentos de escape em que buscavam organizar suas equipes para melhorar a qualidade do jogo, fazendo-o mais organizado e mais atrativo para os praticantes.

O futebol então propiciava um espaço para os usuários se organizarem a ponto de conseguirem um grau de sistematização coletiva que lhes permitia montar as equipes e bolar táticas de jogo. Os estagiários

que coordenavam a oficina davam algumas dicas para o grupo, porém os usuários não apenas seguiam as orientações dos coordenadores. Além de analisarem a pertinência do que era sugerido, também davam palpites sobre o modo de organização e discutiam os acontecimentos da partida como se estivessem em uma “pelada” qualquer.

“Não tem bola perdida! Vamos, meu!” (Usuário. Diário de campo, 2 de outubro de 2008).

“Vamos lá gente! Vamos buscar o jogo!” (Usuário. Diário de campo, 18 de setembro de 2008).

“Pô, cara, agora tu ‘errou’, mas na próxima tu ‘vai’ fazer é isso aí...” (Usuário. Diário de campo, 9 de outubro de 2008).

Tais incentivos eram feitos muitas vezes de forma espontânea pelos usuários, assim como havia casos em que os estagiários incentivavam de algum modo, e o grupo comemorava junto. Assumir papéis de organizadores ou até mesmo de “capitães” de certa forma possibilitava aos usuários curtirem seus momentos de protagonistas da oficina, do jogo de futebol.

Acreditamos ser importante a reflexão sobre o papel que os usuários assumem ou são condicionados a assumirem na oficina. A ideia de grupo é importante para a equipe observada de estagiários e profissionais do Serviço de Recreação Terapêutica (SRT) do CAPS, tanto é que, por exemplo, quando alguém, por qualquer motivo, vai sair da oficina (seja usuário, estagiário ou técnico) é convidado a falar para os demais que está saindo. Além disso, após uma proposta feita pela equipe de estagiários e técnicos do CAPS que participa da atividade, os coletes utilizados na oficina passaram a ser levados por um usuário diferente a cada semana, a fim de que fossem lavados e pudessem estar limpos na semana seguinte, com o intuito de colaborar para o coletivo. Os usuários deram a ideia de fazer um churrasco em um dia de oficina para confraternizarem-se, e a ideia teve boa receptividade entre a equipe do Serviço de Recreação do CAPS. Dessa forma, foi combinado entre todos o valor a ser pago por cada um e a data do evento, além de um horário para que alguns pudessem ir ao supermercado comprar as coisas necessárias para o churrasco. Por todos esses fatos, novamente percebemos que os usuários não apenas jogavam,

mas também se apropriavam do espaço, e isso talvez represente um momento de satisfação para eles por conseguirem fazer parte do processo, por construírem a oficina junto com a equipe do CAPS.

Considerações finais

Ao fim da pesquisa de campo e das análises consideramos a oficina de futebol um espaço terapêutico capaz de potencializar o protagonismo dos usuários, promovendo a sua organização pessoal e coletiva, além de contribuir na resolução de alguns conflitos pontuais que surgem no ato de jogar uma partida entre usuários do serviço de saúde mental.

Essa prática corporal pode vir a se tornar importante ferramenta terapêutica para o trabalho do CAPS, pois está intimamente ligada à cultura corporal local, podendo funcionar como dispositivo de mobilização de interesses dos usuários a ponto de potencializar o seu envolvimento nas comunidades onde vivem, contribuindo para a reinserção social desses sujeitos.

É evidente que os intervenientes no cuidado com pessoas em intenso sofrimento psíquico são de várias ordens – e muito mais complexos do que uma simples partida de futebol; contudo, a participação ativa dos usuários na oficina permitiu que cada um deles se visse como protagonista dentro de um grupo, posição que poucas vezes ocuparam ao longo de suas trajetórias de vida. Compromisso, organização pessoal e coletiva, prazer, autonomia e senso crítico ganharam visibilidade em cada disputa de bola, marcação de falta, discussão sobre um lance duvidoso, marcação de um gol e no “apito final”.

A investigação permitiu concluir que a oficina de futebol mobiliza uma série de elementos ligados à cultura corporal dos usuários do CAPS, especificamente, e do SUS, de modo geral. É uma entre tantas ferramentas que pode tornar possível a efetiva inserção das práticas corporais sistematizadas no horizonte da saúde pública.

The body practices concerning mental health: a football workshop capabilities and possibilities in a psychosocial care centre

Abstract

Physical education has been emerging from the field of mental health in order to contribute to the therapeutic process for mental health service users, e.g. the Psychosocial Care Centres (PSCCs). In this study, we aimed at assessing how important is a football workshop, which would occur at Porto Alegre, for PSCC users.

This study is both qualitative and ethnographic. The active participation of users arisen from the football workshop was enormously important for this study. Such participation provided interesting moments of an important role for the participants who had not experienced such moments before.

Keywords: Psychosocial Care Centre - Physical Education - Mental Health

Las prácticas corporales en cena en la salud mental: los potenciales y las posibilidades del taller de fútbol en el centro de atención psicosocial

Resumen

La educación física está surgiendo en el ámbito de la salud mental a fin de contribuir al proceso terapéutico de los usuarios de los servicios de salud mental, tales como los Centros de Atención Psicosocial (CAPS). En este trabajo nuestro objetivo fue analizar los significados que los usuarios del CAPS, ubicado en Porto Alegre/RS, que se atribuye al taller de fútbol que tuvo lugar allí. La investigación es de carácter cualitativo y se basa en la perspectiva etnográfica. Uno de los hechos que surgieron del taller de fútbol, y que merece una mayor atención al análisis, la participación activa de los usuarios en muchos momentos del taller. Esta mayor participación ha permitido a los participantes los momentos interesantes de la propiedad, poco experimentado por ellos en sus historias de vida.

Palabras clave: Centros de Atención Psicosocial – Educación Física – Salud Mental

Referências

AMARANTE, P. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. **Cadernos de Saúde Pública**, Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 491-494, jul.-set. 1995.

AMORIM, A. K. de M. A.; DIMENSTEIN, M. Desinstitucionalização em saúde mental e práticas de cuidado no contexto do serviço residencial terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 195-204, jan.-fev. 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

BARROS, D. D. Cidadania versus periculosidade social: a desinstitucionalização como desconstrução de um saber. In: AMARANTE, P. **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 171-194.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/por->

tal/arquivos/pdf/Relatorio15%20anos%20Caracas.pdf. Acesso em: 28 maio 2008.

_____. _____. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

MATIELLO JUNIOR, E. et al. Reflexões sobre a inserção da educação física no programa Saúde da Família. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 81-95, jun. 2005.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 107-139.

PAULIN, L. F.; TURATO, E. R. Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 241-258, maio-ago. 2004.

PITTA, A. M. F. Os Centros de Atenção Psicossocial: espaços de reabilitação? **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 12, p. 647-654, set. 1994.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, A. P. S. et al. Reflexões sobre a loucura e a cidadania na dimensão das práticas corporais de lazer. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. do C. (org.). **Esporte e lazer na cidade: práticas corporais re-significadas**. Florianópolis: Lagoa, 2007. p. 171-189.

SILVA, M. B. B. e. Reforma, responsabilidades e redes: sobre o cuidado em saúde mental. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 149-158, jan.-fev. 2009.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. da (org.). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 31-50.

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. **História, Ciências, Saúde – Manuais**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-59, jan.-abr. 2002.

WACHS, F. Educação física e saúde mental: uma reflexão introdutória. In: FRAGA, A. B.; WACHS, F. (org.). **Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 87-98.

WACHS, F. **Educação física e saúde mental: uma prática de cuidado emergente em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WIELEWICKI, V. H. G. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. **Acta Scientiarum**, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v. 23, n. 1, p. 27-32, 2001.

Recebido em: 21/10/2009

Revisado em: 26/04/2010

Aprovado em: 12/06/2010

Endereço para correspondência

brancofraga@gmail.com

Alex Branco Fraga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Escola Superior de Educação Física

Felizardo 750 - LAPEX sala 210

Jardim Botânico

CEP: 90690-200 - Porto Alegre, RS - Brasil